



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

CORPOS-NARRATIVA: VOZES, ESCRITAS E VIVÊNCIAS EM *BECOS DA MEMÓRIA* E *VENTOS DO APOCALIPSE*

Mariana Costa do Carmo

Rio de Janeiro
2019

MARIANA COSTA DO CARMO

CORPOS-NARRATIVA: VOZES, ESCRITAS E VIVÊNCIAS EM *BECOS DA
MEMÓRIA E VENTOS DO APOCALIPSE*

Monografia submetida à Faculdade de Letras da
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como
requisito parcial para obtenção do título de
Bacharel em Letras na habilitação
Português/Literaturas.

Orientadora: Prof.^a Dra. Vanessa Ribeiro Teixeira

Rio de Janeiro
2019

Dedico este trabalho a Deus, por me sustentar durante todos estes longos anos. Sem Ele eu não teria conseguido chegar nem na metade do caminho.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Ivan e Elza, por me apoiarem, cada qual a seu modo, para que este sonho fosse realizado.

Às minhas irmãs, Ana Flavia e Milena, por acreditarem e me apoiarem em momentos desesperadores e de vitórias, esta conquista também é de vocês.

Aos meus amigos fiéis, desde o início da graduação, Leandro Aguiar, Susana Gomes e Tiago Nascimento, por toda a força, suporte, abraço, carinho, conselho e sorrisos. Eu sou extremamente abençoada por ter vocês.

Ao meu esposo, Filipe Ferreira, por estar comigo nesta reta final, que, sem dúvida, foi a mais difícil desde o começo da graduação. Você foi peça fundamental para a conclusão deste ciclo, agradeço a Deus por ter você.

À minha tia Sônia por todo o carinho, casa, comida e roupa lavada, nesses dois últimos anos, quando todas as portas tinham se fechado para mim. Eu nunca conseguirei ser grata o suficiente por tudo o que a senhora fez.

Aos meus sogros pelas orações, carinho e amor.

Às minhas primas Vanessa e Andressa, que seguraram muitas barras minhas nos finais de período, nas minhas crises de enxaqueca, de choro, me carregando para UPA, me acolhendo nos momentos bons e ruins, meu coração é de vocês e eu serei para sempre grata.

À Vanessa Ribeiro Teixeira, minha orientadora, por ter acolhido minha pesquisa e ter contribuído para este trabalho de conclusão de curso.

À Naomi Nicolau, à Rayssa Santos e a todo o coletivo negro Conceição Evaristo da Faculdade de Letras da UFRJ, que fizeram com que eu me enxergasse no outro, meu igual.

A todos meus familiares e amigos que contribuíram de alguma forma para a realização deste sonho.

Compreendera que sua vida, um grão de areia lá no fundo do rio, só tomaria corpo, só engrandeceria, se se tornasse matéria argamassa de outras vidas (...) não bastava saber ler e assinar o nome. Da leitura era preciso tirar outra sabedoria. Era preciso ajudar a construir a história dos seus. E que era preciso continuar decifrando nos vestígios do tempo os sentidos de tudo que ficara para trás. E perceber que, por baixo da assinatura do próprio punho, outras letras e outras marcas havia. A vida era um tempo misturado do antes-agora-depois-e-do-depois-ainda. A vida era a mistura de todos e de tudo. Dos que foram, dos que estavam sendo e dos que viriam a ser.

(EVARISTO, 2017, p.)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 NARRATIVAS EM TRAVESSIA: NOVAS CONFIGURAÇÕES HISTÓRICAS	10
2 NARRATIVAS EM TRAVESSIA: ALARGAMENTO DO CAMPO DO MEMORÁVEL	12
3 VENTOS DO CORPO E DA ESCRITA	14
4 BECOS DO CORPO E DA ESCRITA	16
CONCLUSÃO	18
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	20

INTRODUÇÃO

A escrita tornou-se uma das armas de combate para o sujeito negro brasileiro e o moçambicano. Por meio da linguagem, metaforicamente, ela desarticulou as armadilhas criadas pelo projeto colonial, em seus muitos braços, tendo a escravização como um dos pontos-chaves para o exercício desta empreitada. Possibilitou, desta maneira, desarticular as marcas deixadas nos corpos negros, de modo que toda lógica de opressão, alienação, homogeneização, epistemicídio e apagamento foi transformada em possibilidades de tomarem o direito aos seus corpos e, assim, tornarem-se sujeitos.

Esta pesquisa nasceu dos inúmeros questionamentos que surgiam frequentemente em meus atravessamentos como mulher negra. Em outras palavras, reflexões sobre o que significa ser um corpo negro em uma sociedade racista, que ainda traz vestígios de um passado que parecia estar esquecido, mas que continua a nos ferir.

Dentre os diversos escritos que me nortearam, cabe salientar as canções “Mandume”, do cantor brasileiro Emicida em parceria com Drik Barbosa, Amiri, Rico Dalasam, Muzzik e Raphão Alaafin, e “Um corpo no Mundo”, da cantora brasileira Luedji Luna. Ambas trazem questões sobre identidades, histórias, lugares e experiências gravadas nos corpos negros, que nos remetem às experiências e às histórias dos que vieram antes de nós.

Diante disso, foi elaborado nesta pesquisa um estudo comparativo dos romances *Becos da Memória* (2006), da brasileira Conceição Evaristo, e *Ventos do Apocalipse* (1999), da moçambicana Paulina Chiziane. Neste sentido, pretende-se analisar o corpo negro como narrativa e produção de conhecimento, tendo em vista a significativa multiplicidade de mapeamentos identitários destes corpos e a necessidade de reescrever a história na perspectiva desses sujeitos esquecidos. Considerando, assim, vivências, a relação com elementos da natureza e as várias formas de estar no mundo.

Em relação às referências utilizadas nesta investigação, traremos as contribuições de Kabengele Munanga (2009), Stuart Hall (2003), Jean Godefroy-Bidima (2002).

Conceição Evaristo (2006) traz, em *Becos da Memória*, narrativas produzidas por uma favela brasileira, prestes a desaparecer com o processo de desfavelamento, impetrado pelo Estado, cujos indivíduos estão submersos no descaso estatal, na miserabilidade e no apagamento de seus corpos. Entretanto, é por meio da escrita que a personagem Maria-Nova viabiliza a continuação dessas histórias, ao mesmo tempo em que permite a inscrição desses

indivíduos esquecidos. Além disso, a escritora brasileira direciona nossos olhares para as relações de afeto construídas, bem como para a representação do sujeito negro como protagonista de suas histórias.

Já Chiziane (1999) remonta ficcionalmente as imagens da guerra civil moçambicana pós-independência, circunscritas num cenário mítico. Ela, também, conta histórias esquecidas, “do presente e do passado”, em que o povo de Mananga aprende a se reinventar constantemente, seja com a queda do sistema colonial ou com os obstáculos que surgem durante a viagem até a aldeia do monte, após a destruição da sua aldeia de origem.

As duas obras têm como semelhanças a desestabilização político-social provocada pelo deslocamento forçado, seja pelo desfavelamento ou pela guerra. Além de trazerem uma perspectiva acerca do corpo em trânsito, que nos remete ao movimento da diáspora e suas implicações.

O trabalho organiza-se em quatro capítulos: os dois primeiros trarão considerações acerca das personagens Mungoni, de *Ventos do Apocalipse*, e de Maria-Nova, de *Becos da Memória*. Cada qual à sua maneira, os capítulos serão lidos como representações da reinvenção histórica e do alargamento do campo do memorável.

Os dois últimos apresentarão o corpo negro em construções de subjetividade que também remetem a outras formas de produção de conhecimento, relacionadas a um saber ancestral, à natureza e às vivências cotidianas. O *corpus* de análise serão as personagens Sixpence, de *Ventos do Apocalipse*, e Negro Alírio, de *Becos da Memória*.

1 NARRATIVAS EM TRAVESSIA: NOVAS CONFIGURAÇÕES HISTÓRICAS

Nas páginas iniciais de *Becos da Memória*, vemos a personagem Maria-Nova, “a menina colecionadora de histórias”, introduzir à narrativa elementos e indivíduos que compunham a favela em que vivia; fomenta-se uma ampliação de sentido no ato de descrever — há o caráter de registro, já que, ao serem contadas, essas histórias ganham legitimidade histórica e sua existência é atestada. Além disso, enfatiza-se a subjetividade em oposição à objetividade recorrente nas representações do negro na história. Assim, a narrativa permite que estas vivências sejam contadas pela perspectiva de quem as viveu.

A torneira, a água, as lavadeiras, os barracões de zinco, papelões, madeiras e lixo (...) Naquela época, eu menina, minha curiosidade ardia diante de tudo. Havia as doces figuras tenebrosas. E havia o doce amor de Vó Rita (...) Escrevo como uma homenagem póstuma (...) aos bêbados, às putas, aos malandros, às crianças vadias que habitam os becos de minha memória(...) Homens, mulheres, crianças que se amontoaram dentro de mim, como amontoados eram os barracos de minha favela (EVARISTO, 2006, p. 16-17).

Desde as primeiras páginas do livro, compreendemos como a história que, sentenciava os corpos pretos a objetos, vai tendo o sentido redirecionado para suas subjetividades, percepções e relações de afeto construídas. Desta forma, *Becos da Memória* traz a personagem Maria-Nova investida com a certeza de que uma história outra seria escrita para dar o devido protagonismo a estes indivíduos, marcados por estigmas sociais — “favelado”, “ladroão”, “vagabundo”, “malandro”.

Há uma progressão em torno do sentido das palavras: de “bêbados, putas e malandros” a “homens e mulheres”, evidenciando o caráter humano. Ao narrar a história destes indivíduos, desassocia-os de uma estratégia de poder que continua a serviço de um projeto escravista, o qual ainda insiste em invisibilizar a existência de corpos negros. Já que os tais elementos e indivíduos estão no campo do “descartável”, insignificante e irrelevante, ao trazê-los para a narrativa, a autora brasileira ressignifica-os e esvazia o significante carregado de sentido pejorativo, questionando a estrutura que condicionou ao sujeito negro tudo que é inválido, menor, sujo e feio. Logo, à medida que os descreve, instaura um movimento de subversão, questiona este lugar de identidade em que o sujeito negro está inserido e os faz vencedores em seu próprio território.

A menina já era dada à tristeza, já tinha no sangue o banzo, já guardava no peito saudades de uma vida longínqua, não vivida (...) Tristeza por tudo, por fatos recentes e passados. Tristeza por fatos que ela testemunhara e por fatos que ouvira. O peito, o coração da menina estava inchado de dor. Era preciso

segurar a lágrima e ensaiar o riso (...) A vida parecia uma brincadeira de mau gosto. Um esconde-esconde de um tesouro invisível, mas era preciso tocar para a frente. Ela sabia que a parada significava recuo, era como trair a vida. A menina ia à procura, à cata de algo e não queria voltar de mãos vazias (...)

Sim, ela iria adiante. Um dia, agora ela já sabia qual seria a sua ferramenta, a escrita. Um dia, ela haveria de narrar, de fazer soar, de soltar as vozes, os murmúrios, os silêncios, o grito abafado que existia, que era de cada um e de todos. Maria-Nova um dia escreveria a fala de seu povo.
(EVARISTO, 2006, p. 115, 128, 176, 177)

O que também pode ser observado é o discurso do testemunho substituindo o da vitimização. A capacidade transformadora que estas pessoas, apesar da pobreza e miséria, empreenderam para continuar a vida, não se rendendo ao esquecimento. Maria-Nova não idealiza estes discursos, mas, ao escrever suas histórias, lhes devolve o direito de existir.

O banzo, palavra de origem africana, tem no romance o intuito de ancorar a memória na África para ressignificar a dor.

Estes fragmentos de África presentes no romance têm o objetivo de dar a devida importância aos que vieram antes e também dar sentido às novas histórias produzidas pela diáspora.

Nesta ordem de ideias, as narrativas pensadas pelo viés da travessia nos fazem refletir sobre a identidade negro-brasileira para além de uma ancoragem numa África mítica, contemplando as possibilidades de construções apartir do que se tornaram aqui. Como pode ser percebido a partir das considerações de Bidima (2002):

A travessia, ao contrário, privilegiando as disposições, apostará no “aquilo por que”. À ancoragem ela oporá a excrecência e insistirá na indefinição de contatos, na oscilação de percursos e na abertura infinita da história ao possível (...) As perspectivas comunitaristas que vêm das Américas produzem assim um pensamento massivo que assimila os problemas existenciais dos negros que vivem nas Américas aos problemas de todos os negros esquecendo uma coisa: “Não é (somente) sobre a história aprendida, é sobre a história vivida que se apoia nossa memória (BIDIMA, 2002, p. 6).

Então, Conceição Evaristo (2002) faz com que estes indivíduos sejam recosturados à História como os que resistiram ao sistema, lhes devolve o caráter de humanidade que a escravização lhes roubou, lendo-os como sujeitos munidos de subjetividade.

2 NARRATIVAS EM TRAVESSIA: ALARGAMENTO DO CAMPO DO MEMORÁVEL

Em *Ventos do Apocalipse*, surge-nos a guerra como responsável por um despedaçamento da identidade moçambicana e, como consequência, a perda de consciência sobre os elementos que os une como povo. Kabengele Munanga (2009), em *Negritude, usos e sentidos*, nos apresenta os componentes essenciais para a construção de uma identidade ou de uma personalidade coletiva.

A saber: o fator histórico, o linguístico e o psicológico (...) Mas isso seria um caso ideal (...) O fator histórico parece o mais importante, na medida em que constitui o cimento cultural que une os elementos diversos de um povo através do sentimento de continuidade histórica (...) uma ideologia na medida em que permite se definir (...) reforçar a identidade existente entre eles(...) visando a conservação do grupo como entidade distinta (MUNANGA, 2009, p. 16, 170).

Pensando nestes aspectos, lemos em *Ventos do apocalipse*:

Os homens estão à volta da árvore conversando sobre o passado e o futuro, reanimando as forças(...) Proferem baboseiras e sabedorias. Analisam a vida (...) O novo confronta o velho(...) sem cortinas, sem complexos nem compromissos (...) O jovem Mundau é o primeiro a destravar a língua e a falar com uma arrogância sem limites.

-Uma cerimônia para os defuntos?(...) Os mortos são para serem esquecidos(...)

A barba do velho Mungoni ondula o vento (...) O tronco alto cedeu ao peso da idade, está curvo, endireita-o. As pessoas à volta (...) Suspendem as vozes. Conhecem-no (...) o velho vai proferir uma sentença importante.

- Falar dos antepassados é falar da história deste povo, da tradição e não do fanatismo (...) O velho lega a herança ao novo. O novo tem a sua origem no velho. Ninguém pode olhar para a posteridade sem olhar para o passado, para a história. A vida é uma linha contínua que se prolonga por gerações e gerações. Aquele que respeita a morte, respeita também a vida (CHIZIANE, 2010, p. 164).

Há aqui antíteses — passado e futuro, “baboseiras” e sabedorias —, a presença de dicotomias pertencentes ao novo e ao velho. Vemos o peso do tempo metaforizado no tronco do velho Mungoni, nos revelando, no ato de endireitá-lo, o desdobramento da linguagem ao ponto de trazer a possibilidade de coexistência entre o passado e o presente, simbolicamente.

O velho coloca-se na altura do mais novo para acessá-lo. Rememorar é não deixar os que vieram antes serem esquecidos, mas ao mesmo tempo reconhecer as mudanças do próprio tempo num movimento de continuidade. A potencialidade em torno do múltiplo significado que a África traz e da sua capacidade transformadora de ressignificar a tragédia.

Bem como afirma Bidima (2002):

O essencial não é mais aqui dizer o que a África foi (de onde se vem), mas o que ela se torna (aquilo através do que ela passa). Pensamento de mediações, reflexões sobre translações, a travessia exprime sobre o plano temporal a incompletude da história africana (BIDIMA, 2002, p. 02).

Ao trazer a voz do passado para o discurso, Mungoni reinventa a história de Mananga, traz para o povo a possibilidade de encarar o futuro, ressignificando o passado e o presente. Nesta lógica de pensamento, a fala do mais velho não invalida o discurso do mais novo, mas permite a coexistência destas duas verdades, fomentando, portanto, a garantia de que a história continuaria sendo escrita, num movimento de circularidade. Paulina Chiziane traz em suas narrativas questões referentes às tradições moçambicanas e usa elementos constitutivos da mesma para questioná-las.

A figura do mais velho aparece com os traços que fazem parte da identidade coletiva deste povo, e que não podem ser esquecidos, entendendo, porém, que as mudanças devem ser consideradas. Portanto, a tradição não deve ser esquecida e nem tampouco reafirmada como um conjunto de elementos imutáveis, mas sim em diálogo com o presente.

3 VENTOS DO CORPO E DA ESCRITA

Algumas características observadas na escrita de Paulina Chiziane (2010) funcionam como um eco que ainda pode ser ouvido, narrativas gravadas nos corpos, impedindo que sejam esquecidas. Nesta perspectiva, *Ventos do Apocalipse* inicia-se com três histórias ancestrais, contadas ao redor da fogueira por uma figura mais velha, cujos títulos são “O marido cruel”, “Mata, que amanhã faremos outro” e “A ambição de Massupai”.

Essas são narrações do passado que aparecem reconfiguradas nas histórias das personagens Minosse, a mulher desprezada pelo marido; da criança deixada pelo caminho no deslocamento até a aldeia do Monte e, por fim, da traição de Emelina ao povo de Mananga, entregando-o à morte. Estas histórias têm um caráter de voz ancestral, revelando a necessidade de reconfigurar a realidade.

Neste sentido, podemos destacar, segundo as proposições Bidima (2002):

A ideia de travessia conjuga, de uma só vez, as possibilidades históricas existentes no tecido social e as tendências e motivações subjetivas que empurram os atores históricos para um outro lugar (...) essa memória não é feita de “lugares” inamovíveis, (...) Esses “lugares de memória” indicam que todo “lugar de memória” é um chamado e um trânsito para os “não-lugares da memória”. Pela travessia, as filosofias africanas alargam seu campo do memorável incluindo (...) a insignificância (BIDIMA, 2002, p. 5).

O sentido de travessia, proposto por Bidima (2002), pode ser lido em *Ventos do apocalipse*, de forma simbólica, representado na questão do deslocamento. Ao saírem de sua terra natal, os personagens são obrigados a deixar para trás toda uma história. Entretanto, o desfazer-se evoca também uma perspectiva de refazer-se. Dessa forma, mostram que cada corpo traz em si os elementos para que a história continue, assim como lemos nesse excerto de *Ventos do Apocalipse*:

Sixpence sorri, moribundo. Olha para o céu que brilha (...) Esquece as dores que o atormentam e sonha. No novo mundo, vê crianças saudáveis correndo sobre os campos coloridos. (...) Vê os braços dos homens livres de metralhadoras e granadas, empunhando ferramentas, flores, e vê ainda um pão na boca de cada menino. Faz uma longa pausa e depois fala com inspiração:

— Irmão: quando a dor aperta chora até à exaustão. Chora tanto que as tuas lágrimas mais as minhas lágrimas formem um rio ou um oceano. Pega nas mãos doloridas, sôfregas, trêmulas e constrói uma jangada, uma canoa, um barco com os cacos da vida esparsos à tua volta. Lança a embarcação no mar das tuas lágrimas e navega sereno até ao horizonte das estrelas. Não

desperdices nunca o calor e a força do teu pranto. É preciso não vergar. Aguentar o peso de cada hora e de cada dia que passa é o destino do homem. Mesmo na canção da dor há uma estrofe de esperança. Cada dia tem a sua história (CHIZIANE, 2010, p.119-120).

Após um longo período de trajeto até a aldeia do Monte, os viajantes estão fracos, alguns à beira da morte. Sixpence, homem comum, até ser escolhido como líder pelos outros, não é um herói com uma trajetória vaticinada pelos deuses, a ocasião o designou. E, num estado de entrevida, vislumbra as possibilidades. Esta representação de quase morte deixa em evidência o não lugar em que a situação colonial os deixou. Nem vivos e nem mortos. O olhar para o céu e ter a percepção do seu brilho é o processo que desencadeia o sonhar. O sonho quebra esta lógica de não pertencimento, da impossibilidade de ser, e traz outra perspectiva para sua existência e dos outros, reforçando a ideia de reconstrução da nação pelo povo.

Existe também um redirecionamento semântico das palavras oceano e embarcação, alegorias da colonização, já que o mar era visto como grande cemitério a tragar negros que eram levados nos grandes navios e nunca mais voltavam. Pode-se notar como estas palavras são ressignificadas à medida que o sentido passivo, o sujeito que é levado, é substituído pelo sentido ativo, o sujeito que navega. Então, o sujeito negro toma o poder da palavra, consequentemente toma o direito pelo seu corpo que outrora pertencia a outro. Com base no que foi dito, Paulina Chiziane (2010) traz em suas narrativas elementos que revisitam o passado com o objetivo de trazer ao presente outras configurações.

4 BECOS DO CORPO E DA ESCRITA

O romance *Becos da Memória* traz um entrelaçar de histórias contadas por Maria-Nova. O processo de desfavelamento ameaçava a existência daqueles indivíduos; a partir dessa realidade, a menina promete que um dia escreveria a história de seu povo. Os personagens Tio Totó, Maria-Velha, Bondade, Negro Alírio e Vó Rita são os portadores dos conhecimentos que são repassados à menina, conhecimentos estes que remetem à um conjunto de ações e indivíduos que estão no campo do prático e das construções cotidianas.

Em “Da grafia desenho de minha mãe um dos lugares de minha escrita”, Conceição Evaristo (2005) apresenta a arquitetura de sua escrita e atribui o seu fazer literário a um conjunto de vivências suas e de sua família.

Talvez o primeiro sinal gráfico, que me foi apresentado como escrita, tenha vindo de um gesto antigo de minha mãe. Ancestral, quem sabe? Pois de quem ela teria herdado aquele ensinamento, a não ser dos seus, os mais antigos ainda? Ainda me lembro, o lápis era um graveto, quase sempre em forma de uma forquilha, e o papel era a terra lamacenta, rente as suas pernas abertas. (...) Era um ritual de uma escrita composta de múltiplos gestos, em que todo corpo dela se movimentava e não só os dedos. E os nossos corpos também, que se deslocavam no espaço acompanhando os passos de mãe em direção à página-chão em que o sol seria escrito (...) Na composição daqueles traços, na arquitetura daqueles símbolos, alegoricamente ela imprimia todo o seu desespero (EVARISTO, 2005, p.).

A partir desta concepção de ideias, observo elementos apontados em “Da grafia...” na composição do processo de escrevivência que aparece em *Becos da Memória*, tais como a transmutação de elementos da realidade para o corpo do texto; o ato de escrever com o corpo como a ampliação da concepção do conhecimento, revelando outros saberes que vão além do conhecimento institucionalizados. Por outro lado, observa-se a importância desse saber institucionalizado como uma tomada de consciência. Isto pode ser observado na personagem Negro Alírio:

O Homem nascera bem longe dali. Quando criança fora, até um dado momento, um moleque qualquer. Um dia aprendera a ler. A leitura veio aguçar-lhe a observação. E desta observação a descoberta, da descoberta a análise, da análise a ação. E ele se tornou um sujeito ativo, muito ativo. Não era um mero observador, um enamorado das coisas e do mundo. Era um operário, um construtor da vida (EVARISTO, 2017, p. 54).

Por meio deste fragmento de *Becos da Memória*, depreende-se que o ato de aprender a ler redimensiona a existência do garoto. Funciona como um divisor de águas na sua trajetória, tirando-o da condição de um sujeito qualquer e lhe atribuindo uma especificidade. Há também o caráter de percurso, já que a leitura desencadeia um processo ativo em sua vida. O processo do conhecimento tem relação com o autoconhecimento, à medida que observa e conhece o mundo à sua volta.

Compreendendo que a leitura e a escrita, no romance, atuam como movimentos de ação e reação, encontramos na leitura a tomada de consciência do sujeito sobre os lugares que ocupa e, na escrita, a autoridade desse sujeito sobre seu corpo. Corpo este que esteve séculos sob domínio do outro. Apoderar-se da língua como um instrumento de poder é decodificar os signos que movimentam as engrenagens sociais e se fazem ouvir. Quando Negro Alírio tem acesso a esses códigos, isto faz com que perceba o funcionamento desta lógica, ao passo que se torna construtor, utiliza o conhecimento para interferir e desmontar esta lógica opressora. Não podemos deixar de dizer que os ambientes institucionais funcionam como lugares em que este poder é sancionado.

Evaristo traz esta crítica no romance:

Senzala-favela. Nesta época ela realizava seus estudos de ginásio. Lera e aprendera também o que era casa-grande. Sentiu vontade de falar à professora. Queria citar como exemplo de casa-grande o bairro nobre vizinho e como senzala, a favela onde morava. Ia abrir a boca, olhou a turma e a professora. Procurou mais alguém que pudesse sustentar a ideia, viu a única colega negra que tinha na classe. Olhou a menina, porém ela escutava a canção tão alheia como se o tema escravidão nada tivesse a ver com ela. Sentiu certo mal-estar. Numa turma de quarenta e cinco alunos, duas alunas negras, e mesmo assim, tão distantes uma da outra. Fechou a boca novamente. Mas o pensamento continuava. Senzala-favela, senzala-favela (EVARISTO, 2017, p. 72-73).

Logo, o processo de reflexão sobre o que representa ser um indivíduo negro num mundo de padrões embranquecidos, o modo como as pessoas o enxergam e como ele enxerga a si próprio, nos faz pensar também no que seria uma existência política. A reflexão traz a consciência sobre si e o mundo que o cerca. A partir disso, esse indivíduo começa a reagir ao sistema que o oprime. Deste modo, *Becos da Memória* traz múltiplas concepções sobre conhecimento, o qual está presente no corpo desses indivíduos e na relação com o mundo que os cerca. Desta forma, o ato de aprender a ler e escrever a língua do outro é usar essas armas para desmontar o sistema e, assim, dar outro sentido à vida.

CONCLUSÃO

Façamos algumas considerações sobre as duas obras. A inversão nos títulos dos dois últimos capítulos deste trabalho serve para refletirmos de que maneira as escritoras possuem atravessamentos semelhantes. Os ventos da memória, no sentido de trazer, para o texto, elementos que remetem aos saberes tradicionais e promover um diálogo. A atualização dos saberes, de acordo com as mudanças dos tempos. Becos do Apocalipse refere-se às ações de uma biopolítica que condiciona corpos pretos a condições de miserabilidade, sobretudo, dentro das favelas brasileiras.

Assim, Paulina Chiziane, que não se define como romancista, mas sim uma contadora de histórias, insere em suas narrativas símbolos pertencentes aos saberes tradicionais, às danças, rituais e à presença de uma espiritualidade. Ao se considerar contadora de histórias, mesmo estando inserida no mercado editorial ocidental, marca um lugar político de existência seu e de seu povo.

Sabe-se que as Literaturas Africanas de Língua Portuguesa ainda não têm o lugar de destaque dentro das Universidades, em comparação às outras Literaturas e, muitas vezes, por trazerem outras matrizes civilizatórias de conhecimento, são colocadas como menores. Portanto, enfatizamos que a presença de narrativas que destoam do cânone tornam-se imprescindíveis para a construção de outro cânone.

Já Conceição Evaristo, por meio da escrevivência, torna possível que a estrutura seja modificada. Sai de um lugar de objetificação, sobretudo dentro da Literatura, em que persistia uma tradição de caracterizar negros na perspectiva alienante do outro, e não do ponto de vista do seu próprio eu.

Ao longo de nossa pesquisa, refletimos sobre os atravessamentos da História pelos corpos negros, não mais como sinônimo de objetificação, mas devolvendo-lhe o protagonismo que é seu por direito. Observamos esse movimento nas obras, seja questionando sistemas de opressão que ainda colocam o sujeito negro em condição de subalternidade, seja ressignificando a tradição, considerando as mudanças que ocorrem com o tempo e confrontando modelos que silenciam indivíduos. Como evidencia Stuart Hall (2003):

A cultura não é apenas uma viagem de redescoberta, uma viagem de retorno. Não é uma "arqueologia". A cultura é uma produção. Tem sua matéria-prima, seus recursos, seu "trabalho produtivo". Depende de um conhecimento da tradição enquanto "o mesmo em mutação" e de um conjunto efetivo de genealogias. Mas o que esse "desvio através de seus

passados" faz é nos capacitar, através da cultura, a nos produzir a nós mesmos de novo (HALL, 2003, p.).

Portanto, de acordo com as reflexões apresentadas anteriormente, Paulina Chiziane remonta à relação com o tempo e com a ancestralidade do âmbito coletivo convergindo para o indivíduo, enquanto que, em Conceição Evaristo, esse movimento se dá a partir de anseios individuais no sentido de preservar as construções coletivas.

Além de reinserir estes indivíduos na história, as autoras remontam identidades que atravessam o tempo por meio destes corpos, objetos, e tradições para, hoje, tornarem-se parte fundamental daquilo que restou de mais humano, e que permite a essa humanidade florescer mesmo quando em uma situação de precariedade e desumanização. São estes objetos, indivíduos e afetos construídos que estabelecem a conexão entre o tempo passado e o tempo presente. Seriam, de certa forma, as ruínas da memória, que contam histórias inteiras nos fragmentos que restaram, seja no povo de Mananga em *Ventos do apocalipse*, ou no desfavelamento em *Becos da Memória*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIDIMA, Jean-Godefroy. *De la traversée: raconter des expériences, partager le sens*. **Rue Descartes**, 2002/2, n. 36, p. 7-17. Tradução (para uso didático): Gabriel Silveira de Andrade Antunes.

CHIZIANE, Paulina. **Ventos do Apocalipse**. 3. ed. Maputo: Ndjira, 2010.

HALL, Stuart. “A questão multicultural”. *In: Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Liv Sovik (org.). Tradução: Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

EVARISTO, Conceição. *Becos da Memória*. 1. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

EVARISTO, Conceição. **Nossa escrevivência**. Disponível em:
<http://nossaescrevivencia.blogspot.com/2012/08/da-grafiadesenho-de-minha-mae-um-dos.htm>
l. Acesso em : 10 de out. de 2019.

EVARISTO , Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Belo Horizonte: Mazza, 2003.

MUNANGA, Kabengele. *Negritude: Usos e sentidos*. Belo Horizonte: Ática, 2009.